



GUERRA NO LESTE EUROPEU

Com o intermédio dos Emirados Árabes Unidos, Kiev e Moscou devolvem 115 soldados de cada lado, mas não ensaiam uma trégua. No dia da independência, Zelensky torna ilegal a Igreja Ortodoxa Russa, e patriarca denuncia perseguição

Rússia e Ucrânia trocam prisioneiros

Na comemoração do 33º aniversário da independência da Ucrânia, a ex-república soviética e a Rússia anunciaram a troca de 115 prisioneiros de guerra de cada lado. A mediação foi feita pelos Emirados Árabes Unidos, duas semanas após Kiev lançar uma incursão surpresa na região de Kursk. A informação foi dada pelo presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, e confirmada pelo Ministério da Defesa russo.

O presidente ucraniano publicou fotos de um grupo de homens envoltos em bandeiras do país e disse que os prisioneiros são soldados da Guarda Nacional, das Forças Armadas, da Marinha e do Serviço Estadual de Guarda de Fronteiras. Segundo o comissário ucraniano para os direitos humanos, Dmytro Lubinets, 82 dos 115 recuperados por Kiev participaram da defesa da fábrica Azovstal durante o cerco a Mariupol em 2022, um marco na guerra, que começou com a invasão russa em fevereiro daquele ano.

O Ministério da Defesa russa também divulgou imagens dos ex-detidos. Eles estão, agora, em Belarus, onde receberão atendimento médico e psicológico antes de retornarem à Rússia. Desde o início da guerra, Kiev e Moscou já haviam feito trocas do tipo.

Represálias

Na Praça Santa Sofia, em Kiev, Zelensky prometeu que a Rússia sofrerá “retaliações” por ter invadido a Ucrânia. Ao lado do presidente polonês, Andrzej Duda, e da primeira-ministra lituana, Ingrida Simonyte, dois importantes aliados contra Moscou, o mandatário

AFP



Imagem divulgada por Kiev mostra militares ucranianos envoltos em bandeiras do país: alguns estavam detidos há dois anos

também revelou que as forças de seu país testaram com sucesso o míssil drone Palianytsia, uma arma “muito mais rápida e poderosa” do que os disponíveis atualmente.

Na véspera, o presidente norte-americano, Joe Biden, anunciou uma nova ajuda militar à Ucrânia. O pacote inclui mísseis e equipamentos contra drones,

além de munições. “A Rússia não vai prevalecer nesse conflito. O povo independente da Ucrânia vai prevalecer, e os Estados Unidos, os nossos aliados e os nossos parceiros permanecerão sempre ao seu lado”, ressaltou Biden, em conversa por telefone com Zelensky.

Outro anúncio nas comemorações da independência foi a proibição das

atividades da Igreja Ortodoxa Ucraniana do Patriarcado de Moscou, que durante muito tempo foi a principal do país. “Os ortodoxos ucranianos hoje dão um passo para se libertar dos demônios de Moscou”, declarou Zelensky após promulgar a lei. Embora tenha perdido influência nas últimas décadas para a recém-independente Igreja Ortodoxa Ucraniana, fundada

em 2018, a confissão religiosa ainda mantém milhares de paróquias em todo o país.

A denominação cristã cortou os laços com a Rússia em 2022, mas as autoridades de Kiev continuaram a considerá-la sob influência do país inimigo, e multiplicaram as ações legais que levaram à prisão de dezenas de padres. O patriarca da Igreja Ortodoxa Russa, Cyril, chamou a situação dos paroquianos da igreja de “crítica” e pediu aos líderes de outras denominações cristãs e organizações internacionais que “levantem suas vozes em defesa dos crentes perseguidos”.

Bombardeios

Apesar da troca de prisioneiros, não houve trégua na guerra. O epicentro dos combates continua sendo a bacia do Donbass, leste da Ucrânia, onde as tropas russas são mais equipadas e numerosas. Além disso, as forças de Moscou se aproximam de Pokrovsk, um importante centro logístico com cerca de 53 mil habitantes.

As autoridades locais pediram que a população abandonasse a região com urgência. Em Kostiantynivka, outra grande cidade da região, um bombardeio matou cinco pessoas e feriu outras cinco, segundo o Ministério Público ucraniano.

Kiev informou que bombardeou um depósito de munições na região de Voronezh, no oeste da Rússia. Autoridades locais relataram ataques de drones e a evacuação de uma cidade. A Ucrânia afirma que a incursão busca criar uma “zona de segurança”, forçar Moscou a redistribuir forças de outras frentes, além de usar essas regiões como moeda de troca em possíveis negociações de paz.

ALEMANHA

Estado Islâmico reivindica atentado

Por meio de um comunicado, o grupo jihadista Estado Islâmico (EI) destacou, ontem, que um dos seus integrantes foi o autor do atentado a faca que deixou três mortos e nove feridos na Alemanha, sexta-feira à noite. Segundo o movimento, o terrorista agiu “para vingar os muçulmanos da Palestina e de todas as partes”.

“O autor do ataque contra uma reunião de cristãos na cidade de Solingen é um soldado do EI”, assinalou a nota

distribuída pelo órgão de propaganda Amaq. A polícia alemã anunciou a prisão de dois suspeitos de envolvimento na ofensiva. O agressor, porém, fugiu.

O escritório da Promotoria de Düsseldorf, cidade vizinha, informou que o primeiro detido é um adolescente de 15 anos suspeito de “deixar de relatar” um ato criminoso. Os investigadores acreditam que ele pode ter estado em contato com o autor do ataque. “O culpado deve ser preso rapidamente e punido em

toda a extensão da lei”, escreveu o chefe do governo alemão, Olaf Scholz, na rede social X.

Desde o primeiro momento, autoridades ressaltaram que uma motivação “terrorista” não podia ser descartada. O ataque ocorreu por volta das 21h40 (16h40 em Brasília) de sexta-feira, quando milhares de pessoas se reuniram em frente a um palco para marcar a abertura das festividades do 650º aniversário da cidade.

AFP



Mulher se ajoelha diante de memorial improvisado de flores e velas para as vítimas do ataque a faca em Solingen: um preso



Paulo Delgado

contato@paulodelgado.com.br

O COLONIALISMO DIGITAL AVANÇA

A Inteligência Artificial (IA) saiu dos laboratórios de empresas e universidades e começou a modificar a forma como trabalham e vivem partes significativas da população. A invenção veio antes da educação. É mais uma das mudanças tecnológicas que chegam ao dia a dia sem uma cultura e um arcabouço legal que defina as regras do jogo para sua produção e utilização. É assim mesmo, muitas vezes resta às leis correr atrás da inventividade humana para podar nela seus eventuais abusos.

A vida baseada em dados quer se tornar uma lei rígida do mundo nascido da internet. Do ponto de vista humano, a percepção negativa da realidade aumentou e sobre a felicidade não há algoritmo capaz de ler a alma. Presa a dados, a pessoa vive na inércia ou na prontidão, um caminho para a insatisfação permanente.

Um sociólogo da prestigiada universidade britânica London School of Economics (LSE) publicou neste ano, em

parceria, um livro com uma bem-avaliada e provocativa análise panorâmica da questão, que denominaram no título da obra como “Furto de Dados” na escala internacional.

Lançado meses atrás pela editora da Universidade de Chicago, *Data Grab*, de Nick Couldry, da LSE, com Ulises Mejias, da Universidade do Estado de Nova Iorque (SUNY), é mais uma das bem-refletidas análises sobre os meandros desse capitalismo emergente que extrai o máximo da junção entre dois movimentos expansionistas: um irrefreado aumento da capacidade computacional acoplado a uma cada vez mais granular captura de dados sobre a vida humana e natural. No caso do livro deles, o foco está no viés neocolonial que as grandes corporações de tecnologia da informação — as chamadas big techs — têm.

Empresas de IA almejam ficar a cargo de veículos autônomos a decisões

judiciais e administrativas. Não é inteligente que o Brasil se abstenha de bem conduzir esse processo — no mínimo em suas terras —, beneficiando preferencialmente empresas e trabalhadores locais.

Por mais que a história atual seja um tanto mais complicada do que no tempo das semáforos, o conceito de “colonialismo digital” elaborado no livro de Couldry e Mejias é relevante para que se perceba o problema e se construa alternativas a fim de se evitar a permanência da população — sobretudo as dos países periféricos — na posição de otário.

As grandes corporações de tecnologia da informação estão explorando dados pessoais e georreferenciados de maneira semelhante à exploração de pessoas, recursos e territórios durante a era colonial. Nesse contexto, essas empresas coletam e utilizam informações pessoais e nacionais para gerar lucro, consolidando poder e riqueza, muitas vezes à custa da privacidade e

da autonomia dos indivíduos. Assim como no colonialismo histórico, esse processo amplia desigualdades e cria novas formas de dominação e controle sobre as populações.

Os ajustes legais, conectados a políticas industriais para os setores com claro potencial de uso de IA, precisam ser feitos o quanto antes. Nesse caso, quanto mais tempo passa, mais difícil ficará reverter a tendência de subdesenvolvimento. Em todos os países circunstancialmente periféricos existe e existirá algum conflito pela redistribuição dos lucros exorbitantes entre os empreendedores locais e os interesses de negócios internacionais. Estranho é a falta de interesse de empreendedores locais.

Todavia, o Estado não pode se resignar diante de tal falta, pois é seu papel viabilizar a melhor alternativa nacional possível com vistas a ganhos de longo prazo para uma maioria. Afinal, países desenvolvidos ainda seriam uma roça arcaica, ou talvez nem fossem um país, se as classes médias e populares, por meio do Estado, não tivessem viabilizado todas as principais atividades

produtivas e exportadoras nacionais, nos momentos em que os detentores de capital locais não tiveram capacidade ou disposição para investir e impulsionar determinados setores-chave. O Brasil não é, nem será diferente.

Pois bem, a Inteligência Artificial (IA), e seu instinto selvagem, veio também cheia de más intenções nascidas em laboratórios de universidades e empresas ambiciosas dispostas a ser um setor-chave da atividade econômica e da circulação social por meio de diferentes negócios e aplicações.

É normal e esperado que surjam conflitos entre países na defesa de suas empresas, pois estas geram lucros e poderes extraordinários. A competição por mercados e recursos frequentemente leva a tensões geopolíticas, com os Estados buscando proteger e promover os interesses econômicos de suas corporações nacionais, sobretudo em disputas por fronteiras tecnológicas e de acumulação. Contudo, mais extraordinário ainda seria tapar os olhos, fazer pouco caso e perder esse trem.

PAULO DELGADO é sociólogo